

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

G. H. LUQUET — *Les origines de l'Art figuré* — Entr. de « Ipek », Leipzig, 1926, 28 págs. e 30 figs. (est. 1-8).

Já no número anterior dos « Trabalhos » assinalámos a actividade científica do sr. G. H. Luquet no domínio tão sugestivo das origens da arte e das relações da arte dos primitivos com a arte infantil. Ocupamo-nos, nesse fascículo, do recente volume do autor sobre a arte e a religião dos homens fósseis. A importante memória de que damos agora notícia, versa um dos aspectos do tema daquele livro.

Para M. Luquet, o problema da arte figurada paleolítica consiste, antes de mais nada, em determinar quais teriam sido as actividades que naquela época puderam originar figuras sem tal intenção. Seguidamente, cabe averiguar como um indivíduo que produziu essas figuras fortuitas, passou a creá-las intencionalmente.

Não houve imitação de artistas anteriores — pois, por definição, não os havia ainda — mas apenas auto-imitação, ou seja a repetição intencional por um indivíduo duma actividade manual que êle exercera antes e tivera como consequência, sem que tal fôsse o propósito, a produção de figuras.

Não havia uma intenção decorativa, não se tratava de artistas decoradores. Também não foram crianças, mas adultos, os creadores da arte figurada. No aurignacense, o processo do desenho mecânico estendeu-se progressivamente, de toda a mão, às partes da mão, aos dedos separados. Muitos traçados digitais, fortuitos, teriam sido o ponto de partida de figurações intencionais.

Para estas figurações utilizaram-se evidentemente com frequência disposições naturais em que o homem acentuava ou modificava alguns detalhes, no desígnio de conseguir semelhanças com o objecto da representação.

O valioso artigo é largamente documentado com exemplos, alguns dos quais reproduzidos em excelentes estampas.

MENDES CORRÊA.

---

ALFREDO CASTELLANOS — Descripción de um tubo caudal de *Sclerocalyptus Matthewi* — N. sp. descubierto en el pampeano inferior de Valle de los Reartes (Sierras de Córdoba) — « Rev. de la Universidad Nacional de Córdoba », ano XII, n.ºs 10-12, Outubro a Dezembro de 1925, 54 págs., est. 12 — Córdoba.

Na introdução o Prof. A. Castellanos descreve o local e os terrenos em que foram encontrados anteriormente e agora restos fósseis, por Burmeister, Moreno, Ameghino, Doering e pelo autor. Refere-se igualmente aos objectos achados na região.

O *Sclerocalyptus* é um género pampeano e o fóssil que é objecto dêste estudo representa mais precisamente o gen. *Eosclerocalyptus*, mais próprio da formação araucana, como foi demonstrado por Carlos Ameghino.

Neste trabalho, o Prof. A. Castellanos faz a descrição da porção caudal fóssil da espécie de *Sclerocalyptus* que reputa diferente das já conhecidas e à qual poz o nome de Matthew e compara-a num largo trabalho de confronto com aquelas, empregando o método cuidadoso, exemplificado em outros exames paleontológicos pelo mesmo autor.

Trata também da definição estratigráfica que a nova espécie descrita esclarece e das relações entre ela e as anteriormente determinadas, principalmente com o *S. ornatus*, *S. pseudornatus* e *S. perfectus*, o que permite considerar os sedimentos continentais da *S. Matthewi* como equivalentes do *ensenadense* culminante litoral.

BETHENCOURT FERREIRA.

ALFREDO CASTELLANOS — Contribucion al estudio de la paleoantropologia argentina — « Rev. de la Universidad Nacional de Córdoba », ano XI, n.ºs 10, 11 e 12 1924.

O estudo tem 34 páginas e 12 estampas, — uma importante documentação, que auxilia bastante a compreensão do texto, no qual o autor descreve e procura identificar um resto fossilizado, que se encontrou no *ensenadense* desnudado e foi atribuído ao *Homo pampaeus* Ameghino, juntamente com outros restos animais fósseis da lagoa Melincué. O objecto a que êste trabalho se refere é um fragmento da abóbada craniana parietal muito pequeno e portanto difícil de interpretar antropológicamente, mas em que o autor achou aliás bastantes caracteres para a determinação científica. O exame minucioso da peça ofereceu assunto ao Prof. Cas-

tellanos para a exposição dum método antropológico comparativo, que é realmente interessante e concludente, pelo número e qualidade de pormenores que salienta.

São também interessantes as notas à margem que enriquecem o opúsculo. Em particular, é digno de nota o estudo da sutura ou sinostose que o fragmento ósseo apresenta, bem como as considerações por êste sugeridas ao autor no seu confronto com outros restos humanos fósseis de diferentes localidades e raças prehistóricas.

B. F.

J. LEITE DE VASCONCELOS — Medicina dos Lusitanos — 1 broch. de 63 págs. e 29 figs. — Lisboa, 1925.

Por ocasião das festas comemorativas do primeiro centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa o eminente professor da Faculdade de Letras daquela cidade realizou na Faculdade de Medicina da capital uma conferência, deveras erudita e documentada, sôbre a Medicina das populações da Lusitânia até ao período germânico inclusivê.

Afirmando a nossa ignorância sôbre a Medicina do período paleolítico e do dos *kiokkenmøddinger* ribatejanos, regista que só no período que chama neolítico final e calcolítico, se descortinam ideias mágicas em amuletos a que talvez estivessem ligadas várias doenças, e aparece uma verdadeira cirurgia com a prática da trepanação, da qual menciona um novo documento, a saber um crânio da Gruta da Galinha, próxima de Alcanena. De passagem, cabe referir que desta mesma gruta provém um ídolo-placa de schisto, que se encontra no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto. Entende o autor que talvez certas laminazinhas de quartzo e sílex que teem sido descobertas em antas portuguesas, possuíssem uma aplicação cirúrgica. Alude ainda à tatuagem, pelo menos no calcolítico.

Quanto à medicina proto-histórica, faz menção do texto de Estrabão, segundo o qual vários montanheseos da Ibéria, como os Caláicos, expunham nas ruas os doentes para receberem os conselhos dos transeuntes que tivessem sofrido das mesmas doenças, e demonstra que o uso da hidroterapia deveria remontar entre os Lusitanos a datas muito afastadas, o que é atestado por numerosos vestígios. Fala do Deus Bormânico, de Vizela, do famoso Endovélico, a respeito do qual reproduz a interessantíssima escultura do paralítico, e de várias inscrições e objectos relacionados com doenças e terapêutica. Dêstes últimos objectos menciona três

vasos de barro, descritos pelo malogrado Dr. Costa Ferreira e existentes no Museu Etnológico Português, os quais serviriam de mamadeiras e para administração de líquidos a doentes. O sinatário desta notícia bibliográfica descreveu em tempos (*Arqueólogo Português*, XXI, 1916, pág. 5 da separata) três vasos (figs. 5, 6 e 7 do artigo) de sepulturas pre-romanas de Alpiarça, que supoz *biberons* ou —um dêles— *ascos*. Hoje acha possível que um ou dois dêles fôsem lâmpadas muito primitivas e simples.

A Medicina luso-romana é sobretudo rica no domínio da hidroterapia, o que é perfeitamente testemunhado por numerosos documentos arqueológicos e epigráficos. A epigrafia luso-romana também se refere a vários médicos, e registam-se enfim diversos achados de instrumentos cirúrgicos e farmacopólicos do período romano, todos ou quasi todos arquivados no Museu de Belém.

A Medicina do período germânico é reconstituída pelo autor sobre uma inscrição de Mérida, que fala dum médico, um *canon* de S. Martinho relativo a ervas medicinais, a narração dum milagre na Galiza e sobretudo certas disposições do Código Visigótico.

Em aditamento à sua conferência magistral, publica o sr. Prof. Leite de Vasconcelos algumas objecções à nossa hipótese sobre a leitura de *lucis* no poema de Avieno *Ora Maritima*, uma extensa bibliografia da tatuagem, várias inscrições e textos, etc.

Das objecções referidas tencionamos ocupar-nos em breve numa pequena nota especial, sem receio, ao contrário do que o sábio professor escreve, de que duma discussão cortez e amiga possam resultar quaisquer «desgostos mútuos». Antes estamos convencidos de que, a-pesar da grande autoridade do sr. dr. Leite de Vasconcelos, que tanto respeito nos merece, se não deve dar definitivamente como «insustentável» e como dissipadora dum tempo precioso a conjectura que ousámos formular sobre um problema paleográfico o mais sugestivo possível para todos os Portugueses que se preocupam com as origens remotas do nome dos Lusitanos. Diremos apenas a nossa surpresa pelo facto do sr. dr. Leite de Vasconcelos considerar luminosíssima e sensata a interpretação de Schrader que imagina uma troca de letras por negligência do copista, e se recusar, pelo contrário, a admitir no autor dum poema, em que há versos errados e em que não era difícil surgirem nomes geográficos e étnicos mais ou menos alterados, um lapso de métrica e a deturpação dum dêesses nomes. Mas, por agora, ponhamos de parte esta questão.

A propósito da tatuagem, entre cujas referências bibliográficas o sr. dr. Leite de Vasconcelos incluí o estudo do sr. dr. Joaquim Fontes sobre a tatuagem facial em alguns ídolos gentílicos e pre-históricos, desejamos exprimir o parecer de que *algumas* incisões

e traços na face dêesses ídolos talvez não sejam sugestões das verdadeiras tatuagens, mas representações de rugas, mais ou menos estilizadas e mais ou menos inexactas.

Vimos na galeria dos *Uffizii* de Florença um quadro de Lorenzetti Ambrogio (século XIV), *A Apresentação de Jesus no Templo*, no qual algumas figuras parecem tatuadas no rosto, quando se trata certamente de rugas. Concordamos, porém, em que em grande número dos ídolos mencionados, se trata de tatuagem facial, dadas a disposição e a forma dos traços.

Desculpe-nos o autor esta digressão ligeira que, aliás, uma parte do seu trabalho nos sugeriu, mas julgámo-la cabida e digna de registo.

Quanto à conferência do sr. Prof. Leite de Vasconcelos, não é necessário acentuar de novo o seu merecimento real, que é, de resto, também o de todo o vasto e fecundo labor de tantos anos, realizado por um sábio autêntico, que é uma legítima glória da ciência portuguesa.

M. C.

LIDIO CIPRIANI — Un' ipotesi sulle cause di variabilità degli «*Hominidæ*» — «*Archivio per l'Antrop. e la Etnol.*», LIV (1924), Firenze, 1926, 78 págs.; *Comportaments animaux inexplicés, influences inconnues du milieu, variation des espèces* — «*Revue Métaphychique*», Paris, 1926, 31 págs.

O nóvel e activo antropologista italiano, dr. Lidio Cipriani, assistente no Museu Antropológico da Universidade de Florença, é já autor de valiosos trabalhos da especialidade, nalguns dos quais trata da rótula humana, das suas diferenças sexuais, etárias, étnicas e entre os dois lados do corpo, e da sua significação morfológica, nêles manifestando divergências em relação às conclusões de Berta De Vriese, segundo a qual aquele osso seria um osso típico em via de regressão e não um sesamoides.

Interessam, porém, mais vivamente a questões transcendentales de antropologia geral as duas memórias de que nos vamos ocupar nesta breve nota bibliográfica.

Na primeira dessas memórias, o dr. Cipriani, que se baseia em factos numerosos de biologia experimental e de biogeografia, entre os quais figuram importantes observações originaes, começa por demonstrar que, se os indivíduos podem comportar-se sem alterações sensíveis perante mudanças de condições exteriores, estas frequentemente se accusam sobre as células germinales, ou pela esterilização ou pela geração de indivíduos com caracteres

somáticos diferentes dos progenitores. As recentes experiências de ionólise, de Pirovano, revelam que certas influências electromagnéticas sobre o pólen de diversas plantas dão causa à aparição de indivíduos extraordinariamente diferentes dos tipos originais, sem perda e antes com aumento de vitalidade. « Depositárias fieis dos caracteres da espécie » as células germinais são, entretanto, acessíveis a causas externas de variação, podendo dar origem a constituições novas, tão harmónicas e equilibradas como a da forma originária.

Ocupando-se da determinação do sexo, inclina-se para a hipótese progâmica em vista de várias constatações que tem efectuado, e nesses factos, como nos de telegonia, encontra a comprovação das diversas e fundamentais propriedades das células germinais.

Sobre larga documentação afirma o poder de influências mesológicas sobre caracteres germinais e somáticos das espécies e as relações tantas vezes maravilhosas entre certos ritmos vitais, como a vigília e o sono, e a sucessão dos estados do ambiente, demonstrando que, no entanto, ritmos biológicos milenários podem ser abandonados, em virtude de mudanças de alimentação e temperatura por exemplo.

Algumas experiências de física e observações médicas são recordadas para generalizar aos seres vivos a lei da acção e reacção, da qual as leis de Mendel não são, segundo o autor, mais do que a expressão incompleta dum caso particular, nas linhas gerais da sua *exterioridade*. O mendelismo, escreve Cipriani, não é senão uma das muitas manifestações da luta dos organismos contra as variações. Em grande parte, essa luta tem como agentes as secreções internas.

A natureza esquivava-se às variações. Esta lei explica as migrações e outros fenómenos atribuídos ao misterioso dom do instinto. Mas é também, paradoxalmente, a explicação de todas as mutações das formas vivas. « Tudo tende no Universo a um estado fixo de equilíbrio; onde quer que excepcionais influências externas alcançam, em certo momento, alterar este equilíbrio, êle tende a restabelecer-se o mais depressa possível, ou em idênticas condições do anterior ou em condições que, embora diversas, serão sempre uma derivação, as mais das vezes aperfeiçoada e adaptada às novas circunstâncias, das precedentes ».

O Homem não se subtrai a estas regras, embora tenha uma maneira típica de reagir, que não envolve diferenças substanciais em relação aos outros seres. Há casos de fixidez de caracteres humanos — mesmo, conquanto excepcionalmente, coincidindo com variações de meio. Mas é grande a facilidade com que uma forma,

depois duma invariabilidade de muitas gerações, se pode alterar. O Homem, ocupando zonas climáticas tão diversas e não se tendo confinado (como, em geral, as outras formas mais elevadas) em áreas muito restritas, encontrou-se naturalmente mais sujeito do que qualquer outro grupo biológico, a causas de variação. A variabilidade não aumentou nem diminuiu, na realidade. « Submetido a novas influências de meio, um organismo fica invariável, extingue-se ou varia, segundo a sua sensibilidade para com elas e o poder de reacção das suas células germinais. O Homem parece estar, pelo que respeita ao maior número dos seus tipos, no terceiro caso.

A sua aclimatabilidade actual é, não um dote inato da espécie, mas uma propriedade adquirida, graças a uma preparação das suas células germinais para afrontar qualquer condição de existência na superfície do globo. As suas qualidades permitem-lhe resistir, apenas com pequenas modificações somáticas, a mudanças mesológicas que para qualquer outra espécie seriam causa de esterilidade.

O autor, dentro dos seus pontos de vista, procura explicar a extinção das espécies, os factos de convergência e outros fenómenos da história dos seres vivos, para que teem sido dadas várias explicações mais ou menos arbitrarias e, em geral, não satisfatórias. Assim, a convergência, a aparição de formas afins em linhas filéticas diversas, como, por exemplo, no grupo das Amonites, resulta, a seu ver, de que « qualquer coisa de fixo, capaz de, sem limites, desafiar o tempo deve ter persistido » em todos os grupos, « para dar em certo momento um mesmo efeito ». Essa « qualquer coisa » está « nas propriedades fundamentais do plasma germinal, propriedades cuja origem se confunde com a própria origem da vida ».

Enfim, para Cipriani, não há inevitáveis forças internas que estabeleçam à evolução um sentido predeterminado e que actuem, sejam quais forem as condições externas: As variações resultam da acção conjugada destas duas ordens de factores. É a *sinergia* de que temos falado em vários trabalhos nossos, nalguns dos quais fizemos também a crítica do mendelismo no grupo humano, das influências do meio geográfico na raça, da importância das secreções internas na evolução, etc., com orientações gerais que não julgamos, em substância, muito diversas das manifestadas pelo dr. Cipriani.

Desejamos, porém, fazer ainda umas breves reflexões sobre alguns pontos do seu trabalho.

Dando o tipo de Cro-Magnon como um excelente exemplo de persistência de caracteres no meio de grandes variações mesoló-

gicas desde o quaternário à actualidade, fala das suas pretensas migrações através da Espanha e do norte de África até às Canárias. De facto, os tipos quaternários mostram uma persistência notável em confronto com a variabilidade de quasi todos os tipos humanos actuais. Mas, depois dos estudos recentes sobre as populações do Mediterrâneo ocidental e sobre os *Guanches* das Canárias, pode reeditar-se, sem reservas, a hipótese de Verneau daquelas migrações do Cro-Magnon?

O autor combate, pelo contrário, a asserção, que diz «ridícula» e infundamentada, de que o Homem é um animal doméstico (Bonarelli, Fischer e Giuffrida Ruggeri), não querendo vêr que tal frase não é senão um feliz «modo de dizer», a expressão incisiva e sumária dum facto que êle mesmo não deixará de reconhecer: a equivalência, a semelhança, quanto às suas causas e ao seu mecanismo, entre a pluralidade dos tipos humanos actuais e a variabilidade dos animais domésticos. O paralelismo é sugestivo; simplesmente, tanto no caso dos animais domésticos como no do Homem, êste último é sempre a causa inicial do fenómeno.

Negando «innaturali influenze plasmative» na variação dos animais domésticos e do Homem (pág. 62 do extr.), o autor, poucas linhas depois (pág. 63), fala dos *artifícios* que o Homem utiliza para tornar possível a vida mesmo onde ela menos pareceria possível. Duas páginas adiante, afirmando as semelhanças entre o Homem e os animais domésticos, diz que a variação humana não significa «nada de excepcional» na natureza, para, outras duas páginas à frente, reconhecer a capacidade exclusiva do Homem para, por um «princípio psíquico» que *só nele* existe, se esquivar às restrições de hábitat.

Claro está que faço justiça ao pensamento do autor, e sei perfeitamente que as contradições são apenas aparentes, porque, atribuindo ao Homem faculdades especiais, êle dá-o como submetido, bem como tais faculdades, às normas naturais de variação. Simplesmente eu quis pôr em evidência que as interpretações literais de expressões desta ordem facilmente revelam nelas contradições e porventura inexactidões, que estão longe de constituir substancialmente o pensamento dos autores. Foi um processo crítico dessa natureza que o dr. Cipriani applicou à asserção de que o Homem é um animal doméstico, não hesitando até em a dizer... ridícula.

Numa das notas finais da memória, o autor pretende também que há contradição na designação de «monogenismo polifilético» dada por Giuffrida-Ruggeri à sua concepção sobre a origem do Homem. Na sua opinião, dizer polifiletismo é o mesmo que dizer poligenismo. Lá estamos no puro domínio das confusões verbais!

Se a doutrina de Giuffrida não é monogenismo, muito menos é poligenismo, como os de Sergi, de Sera ou de Kjaatsch. Tinha o falecido antropólogo italiano hesitações na applicação da palavra «polifilético» ao seu neo-monogenismo, porque ela seria, como foi, entendida em diverso sentido do que era seu pensamento. Aos termos scientificos correspondem conceitos até certo ponto convencionais, embora não de todo arbitrários.

Giuffrida quis exprimir a ideia de que a humanidade actual derivava imediatamente duma só espécie de *Pro-hominidae*. Admitir, dentro do grupo humano, diferentes linhas genealógicas, partindo daquela origem comum—isto não é monogenismo? A origem do grupo humano é uma—o que é isto senão monogenismo? Dêsse ponto de partida comum saiem vários ramos genealógicos—não é isto polifiletismo? O poligenismo só existiria se êsses ramos estivessem separados fora do âmbito humano. Não é o mesmo que toda a humanidade actual provenha duma só espécie de *Pro-hominidae* ou que a cada raça humana pertença um diferente antepassado pre-humano.

Procurando explicar a extinção das espécies, o autor diz que, quando certas circunstâncias exerçam uma «acção subtil» na faculdade de reprodução, a forma se extinguirá por suspensão de nascimentos. Fiel à sua ideia de localizar nos elementos germinais o teatro da acção das influências mesológicas como factores da evolução, explica dêste modo aquele fenómeno acusado pela paleontologia, contestando as concepções de Naegeli e Rosa duma limitação progressiva de variabilidade. Mas não há opposição formal entre o seu ponto de vista e uma limitação da evolução, porque o próprio autor escreve que, sob influências novas, o organismo ou não varia, ou varia (as mais das vezes) ou se extingue. Ora, esta última hipótese não se daria se o organismo, tendo de abandonar a sua forma, fôsse susceptível de ser conduzido, pela sua variação, que é a regra, a um novo equilibrio. Há, pois, limites nas possibilidades de variação.

Seria injusto imaginar que o dr. Cipriani, a despeito dos factos acumulados e da límpida clareza das hipóteses apresentadas, não tem a consciência das obscuridades que as soluções verbais encobrem a respeito de muitos dos problemas postos em equação na sua memória de inegável merecimento. Foi, com certeza, essa noção que o levou a escolher as páginas da «Revue Métapsychique» para reeditar grande parte da explanação biológica que constitui a sua memória anterior. É certo que, como diz o prefaciador dêsse artigo, o espiritualista E. Osty, êle não vai além das «causas próximas», das influências do meio em que se desenrola a vida orgânica, das influências fisico-químicas. Mas presente-se

no seu espírito ainda um ponto de interrogação, se bem que às explicações já propostas e quasi tôdas abandonadas o dr. Cipriani junte as novas, baseadas na endocrinologia, nas reacções dos seres às ondas electro-magnéticas, nas experiências de Cazzamalli e de Lazaref demonstrativas da emissão de energias electro-magnéticas ou rádio-eléctricas pelos organismos — particularmente pelo Homem —, etc.

A-pesar das divergências indicadas, não quero deixar de exprimir de novo a minha concordância com muitos dos pontos de vista do autor, que se revela um espírito penetrante, esclarecido e culto, que à Antropologia continuará dando, sem dúvida, um labor dos mais brilhantes e dos mais fecundos.

M. C.

DR. L. DUBREUIL-CHAMBARDEL (de Tours) — *Les variations du corps humain* — 1 vol. de 250 pág., com 104 figs. no texto. Paris, Ernest Flammarion, éditeur.

O ilustre professor francês dr. Dubreuil-Chambardel, ex-presidente da Sociedade de Antropologia de Paris, que em Março de 1924 esteve no Pôrto, onde realizou duas brilhantes conferências, uma na Faculdade de Medicina sobre as variações anatómicas do raquis e suas manifestações clínicas, e outra na Sociedade de Antropologia acêrca da «Touraine, Jardim de França» publicou, há pouco tempo, um curioso livro, profusamente ilustrado, subordinado ao título «Les Variations du Corps Humain».

A obra é dedicada pelo sábio anatómico ao distinto Prof. dr. J. A. Pires de Lima, devotado director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto.

A dedicatória é feita nestes expressivos termos, muito honrosos não só para o anatomista portuense e para a Faculdade em que professa, mas ainda para a ciência médica nacional: — «Dedico esta obra ao meu excelente colega o Prof. J. A. Pires de Lima, professor de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto. — Tours, 30 de Junho de 1924».

Grande número das figuras que ilustram o livro, são reproduções de casos portuenses de curiosas anomalias já registadas em revistas nacionais e estrangeiras e algumas das quais se arquivam no Museu do Instituto de Anatomia.

Para se vêr em que distinta conta são tidos lá fora os trabalhos do Prof. Pires de Lima, transcreverei um passo da introdução

com que abre o livro do Prof. Chambardel: «Escrevemos êste livro utilizando materiais que reunimos no Instituto de Anatomia da Escola de Medicina de Tours. Servimo-nos também dos numerosos documentos que nos foram comunicados por diversos anatómicos franceses e estrangeiros... Demos amplo cabimento às investigações realizadas na Faculdade de Medicina do Pôrto pelo Prof. Pires de Lima. E êste distinto anatómico recolheu, com os seus alunos, considerável número de factos curiosos, todos observados em Portugal, prestando assim contribuição importantíssima aos nossos conhecimentos acêrca das variações. Pareceu-nos necessário trazer ao conhecimento do público francês êste grande esforço científico, realizado na joven Universidade lusitana».

O Prof. Chambardel no seu livro, que não é, como êle próprio diz, *um Tratado de Variações*, quiz simplesmente assinalar as principais disposições irregulares do corpo humano que se apresentam com mais freqüência à atenção do médico. Efectivamente, há um interêsse nítidamente prático em conhecer as diversas dimorfias somáticas, de cujo estudo resultou estabelecerem-se, nestes últimos anos, variados sindromas morfológicos ou clínicos.

Considerando o problema sob êste ponto de vista, o Prof. Dubreuil-Chambardel poz de lado tôdas as monstruosidades que são incompatíveis, em geral, com a vida, bem como a maior parte das variações que podem apresentar os órgãos internos.

Restringindo assim o âmbito do seu trabalho, o autor não se limita, contudo, à descrição das variações de que trata, mas estuda também a sua origem e evolução.

A obra, que todos os médicos lerão com interêsse e proveito, divide-se em sete capítulos, versando os seguintes pontos: as variações gerais do corpo; as variações do tronco, da cabeça, dos membros (com um capítulo especial para as variações das mãos e dos pés), as variações genitais e de tegumento, terminando com algumas curiosas conclusões.

Em suma, é mais uma obra útil a juntar àquelas que se devem ao ilustre professor de Tours, tão justamente considerado nos meios cultos pelos seus numerosos estudos sobre anatomia, antropologia, teratologia e prehistória.

HERNANI MONTEIRO.

EGON VON EICKSTEDT — *Eine Studie über menschliche Körperproportionen und die Ursachen ihrer Variabilität* — Extr. de «*Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*», 1926.

Este estudo é baseado sobre observações feitas em treze índios. As observações são comparadas umas com as outras, duas a duas, examinando-se o modo como os indivíduos se agrupam em cada quadro assim formado e concluindo o autor que, relativamente umas às outras, nas dimensões do corpo humano e das suas regiões entram factores que podem ser positivos ou negativos segundo as suas acções recíprocas são concordantes ou discordantes. Dêste modo construe o que chama fórmulas de proporção, que nos indicam imediatamente os factores positivos ou negativos que entram em cada carácter e aos quais chama determinantes. Enquanto que o determinante principal duma parte do corpo, nestas fórmulas, aparece no princípio, verifica-se que os outros podem ser calculados pela teoria do valor dos índices que diz: Quando se toma uma medida em percentagem de outra, isto é, quando se construe um índice, notam-se tôdas as diferenças duma relativamente à outra, mas os factos que actuam sobre ambas no mesmo sentido, quer dizer os determinantes comuns, são eliminados por êsse processo.

Apoiando-se nestes princípios, estuda o autor vários determinantes e a sua influência no desenvolvimento de algumas partes do corpo, verifica a teoria das proporções expressas pelas fórmulas, e explica o predomínio de alguns caracteres na hereditariedade.

A. ATHAYDE.

J. BETHENCOURT FERREIRA — *Notas craniológicas sobre alguns crânios indianos* — «*Arquivo de Anatomia e Antropologia*», X, Lisboa, 1926.

Sobre 7 crânios de Satary (Índia Portuguesa), alguns dos quais incompletos e todos sem mandíbula, existentes na secção de Antropologia do Museu Bocage, de Lisboa, o sr. dr. J. Bethencourt Ferreira realizou interessantes observações, na sua maior parte utilizando o método descritivo de Sergi.

Entre as conclusões do seu estudo, que formula com reservas, dado o facto de se tratar duma série craniológica pequena e incompleta, figura a de que os indígenas de Satary resultam, com predomínio de elementos *ário-dravídicos*, duma mistura de várias

formas étnicas, o que está de acôrdo com o que verificaram Fonseca Cardoso em observações no vivo e Constâncio Mascarenhas e o sinatório desta análise em estudos noutras séries craniológicas da mesma proveniência, entre as quais a de 6 crânios de Satary — alguns com mandíbulas — existente no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto.

Na opinião do sr. dr. Bethencourt Ferreira, os satarienses são representantes duma sub-variedade dravídica ou indo-irânica do *Notanthropus eurafricanus mediterraneus* de Sergi, mas há evidentes misturas, denotadas nas diferenças, entre si, dos exemplares estudados.

As médias dalguns índices, que o autor fornece, seria preferível a menção dos valores individuais, em vista do pequeno número de casos. Assim procedemos no nosso estudo descritivo e métrico sobre os 6 exemplares do Museu do Pôrto. Notemos entretanto as prudentes cautelas que põe nas suas conclusões o sr. dr. Bethencourt Ferreira, cuja actividade antropológica se afigura incessante e digna de vivo louvor.

M. C.

MICHAEL REICHER — *Croissance des membres de l'homme avant la naissance* — Wilno, 1925.

Baseado sobre observações colhidas em 533 fetos normais desde a 9.<sup>a</sup> semana da vida intra-uterina e 97 recém-nascidos, o autor estuda o crescimento das diferentes partes do corpo humano antes do nascimento. Tratando as várias medidas pelo método estatístico, servindo-se de seriações, gráficos, etc., nota que o crescimento absoluto aumenta progressivamente, atingindo o seu máximo cêrca do fim da primeira metade da vida intra-uterina e diminuindo em seguida duma maneira acentuada. Depois vai sendo cada vez mais fraco. O parto não introduz nenhuma modificação essencial no curso da rapidez do crescimento. Os membros superiores crescem mais rapidamente do que os inferiores, e o tronco duma maneira mais uniforme do que os membros.

Do mesmo modo são estudados diferentes índices, como o humero-radial, intermembral, humero-femural, rádio-tibial, da mão, etc., comparando os resultados colhidos com alguns já observados em antropóides, o que permite concluir que as proporções do homem adulto que se manifestam tarde no desenvolvimento individual, indicam períodos avançados da evolução, enquanto que as modificações embrionárias e as primeiras fetais se referem a períodos remotos do desenvolvimento filogenético.

A. A.

M. DA SILVA LEAL. — *O Bicipite braquial* — Tese de doutoramento — Pôrto, 1926 — 1 vol. de 130 págs., com 15 figs. no texto.

Escrevia, há tempos, o Prof. Pires de Lima, numa das suas «Crónicas Científicas», publicadas no *Commercio do Porto*, as seguintes palavras: «Não são apenas professores e assistentes que hoje em Portugal se dedicam devotadamente às investigações de laboratório. Grupos de alunos acompanham os seus mestres com entusiasmo, e já não é raro vêr, ao lado do nome conhecido dum professor, um seu discípulo assinar memórias científicas».

Um destes discípulos é o autor da tese «O bicipite braquial», trabalho de investigação, que o júri premiou com a classificação máxima de 20 valores, e ao qual o distinto anatómico lisbonense Prof. Henrique de Vilhena vai dar a honra de reeditar no seu magnífico «Arquivo de Anatomia».

O dr. Silva Leal expõe, no prefácio, o plano da sua obra. Porisso, vamos dêle transcrever algumas passagens:

«O trabalho que apresento para o meu acto de doutoramento é o produto das observações que efectuei no Teatro Anatómico do Pôrto durante êstes últimos anos e logo do início orientadas para o estudo sistematizado dos feixes supranumerários do bicipite braquial... Possui a Faculdade de Medicina do Pôrto justas e honrosas tradições anatómicas, criadas pelo trabalho persistente e exaustivo, que desde a fundação da Régia Escola de Cirurgia emprenderam os seus mestres. Nestes últimos anos, porém, o Instituto de Anatomia do Pôrto tem estado em plena actividade, contribuindo incessantemente para a valorização do ensino superior nesta cidade e para a expansão da ciência portuguesa nos meios especializados estrangeiros.

Quando entrei para a Faculdade, notei o labor desenvolvido na secção de Anatomia e, influenciado pelo exemplo, comecei pouco depois a investigar os feixes adicionais do longo flexor do antebraço».

O valioso trabalho do Dr. Silva Leal divide-se em 3 partes: Na primeira, o autor descreve sucintamente «O bicipite normal»; na segunda, menciona «As variações dos feixes normais» e na terceira, a mais extensa de tôdas, estuda pormenorizadamente os feixes supranumerários daquele músculo.

Na série de 300 cadáveres observados, encontrou 43 com um ou mais feixes supranumerários de bicipite. Estes feixes adicionais apareceram com mais frequência no membro esquerdo e em indivíduos do sexo masculino (30 ♂ e 13 ♀).

A anomalia era bilateral em 12 cadáveres (8 ♂ e 4 ♀); só à direita em 11 (8 ♂ e 3 ♀) e só à esquerda em 20 (14 ♂ e 6 ♀).

O autor encontrou bicipites com 1 feixe adicional em 32 cadáveres; com 2 feixes em 9, com 3 feixes em 1, com 5 feixes também só em 1 cadáver.

A tese do dr. Silva Leal, ilustrada com 15 figuras, reproduzindo belos desenhos do assistente do Instituto de Anatomia dr. Alberto de Sousa e do aluno sr. Luís de Pina, termina com dois elucidativos quadros, no primeiro dos quais se mencionam as XXXV observações de feixes adicionais de bicipite registadas em Portugal até 1924, e no segundo se resumem as variantes que o autor encontrou em 43 cadáveres dos 300 que dissecou. Merece especial menção o caso, talvez único, de bicipite braquial com cinco feixes supranumerários, curiosa anomalia que constituiu o assunto duma comunicação apresentada à «Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais» e depois publicada no *Boletim* daquela colectividade.

Como se vê, a tese de doutoramento do dr. Silva Leal é uma obra que não só revela as apreciáveis qualidades de trabalho do autor, mas honra a ciência médica portuguesa.

H. M.

J. DE ESPREGUEIRA MENDES — *O músculo palmar delgado* — Tese de Doutoramento — Pôrto, 1926, 1 vol. de 240 págs., com 16 figs. no texto.

Êste trabalho, (diz o próprio autor no Prefácio), «não representa necessariamente senão uma parcela mínima do muito que há ainda por elaborar no vasto campo da Anatomia humana». E acrescenta: «Só nestes últimos anos se começou a arquivar cuidadosamente algumas particularidades encontradas na anatomia dos portugueses, e, desde então para cá, tão grande tem sido o incremento que êsse ramo da Ciência tem tomado entre nós que pode registar-se com muito orgulho que, sob o ponto de vista das investigações anatómicas, Portugal caminha hoje na vanguarda dos países mais cultos. Muitas lacunas há, no entanto, ainda por preencher no estudo da morfologia dos portugueses e uma delas é exactamente a pesquisa sistemática das suas variações musculares. Alguns trabalhos tem sido já elaborados sob êste ponto de vista, e muito me apraz constatar que uma grande parte dêles pertencem à Faculdade de Medicina do Pôrto. Mas sobre o músculo palmar delgado, um dos mais variáveis, senão o mais variável dos músculos do corpo humano, não havia em Portugal nada feito, a não ser a descrição duma ou outra variedade encontrada casual-

mente nas salas de dissecação, enquanto que a sua investigação sistemática tinha sido já elaborada em vários povos estrangeiros, como Chineses, Franceses, Índios da América, Ingleses, Japoneses, Russos e até nos Negros, com o fim de investigar mais um carácter étnico».

E, na convicção de que, de algum modo, ia contribuir para um futuro estudo sintético sobre a miologia do nosso povo, o autor desde Março de 1922, quando ainda era aluno de Anatomia, até Junho de 1926, dissecou os antebraços de 180 cadáveres, (em que se incluem 30 fetos monstruosos), «verificando em cada um deles a ausência ou presença do músculo palmar delgado, estudando cuidadosamente a forma, inserções e relações de cada um dos exemplares encontrados e tomando também as medidas com que este músculo, normal ou anormalmente, se apresentava nos cadáveres de indivíduos adultos».

Além disso, investigou ainda a frequência daquele músculo numa série de 550 indivíduos vivos, na sua quasi totalidade doentes internados no Hospital de Santo António, e é curioso notar que o resultado a que chegou, pelo que respeita à agenesia de músculo, coincide aproximadamente com o que obteve no cadáver.

Em 150 cadáveres dissecados pelo autor, o palmar delgado faltava ou era anómalo em 86. A anomalia era bilateral em 53, unilateral direita em 14 e unilateral esquerda em 19.

Encontrou o autor a ausência do músculo em 42 cadáveres (28 %), sendo em 11 à direita, em 13 à esquerda e em 18 de ambos os lados. Verificou ainda que esta anomalia é mais frequente no sexo feminino, que as ausências unilaterais são mais frequentes do que as bilaterais e que a percentagem da agenesia do músculo é maior à esquerda do que à direita.

A bibliografia com que fecha o livro, compreende 147 números.

Analogamente ao que fizera o Dr. Silva Leal para o «Bicipite braquial», o Dr. Espregueira Mendes inclui no seu consciencioso trabalho dois quadros finais, em que se resumem tôdas as observações portuguesas sobre o músculo palmar delgado.

A tese é ainda valorizada com um quadro de percentagens de ausência daquele músculo nos diversos povos, quadro especialmente cedido pelo Prof. Loth, de Varsóvia, e que faz parte dum trabalho ainda inédito daquele notável anatomista acerca da antropologia das partes moles. Por informações do Prof. Loth, sabe-se que neste seu trabalho serão aproveitadas as conclusões a que chegou o Dr. Espregueira Mendes.

Na tese, a que estamos aludindo, cita-se o que em Portugal tem sido feito com o fim de investigar sistematicamente algumas variações musculares. Esses trabalhos são, além da tese do

dr. Silva Leal, os seguintes: O estudo sobre *O músculo extensor comum dos dedos do pé do Homem*, feito em Lisboa pelo anatómico espanhol Sánchez Guisande em 1918; a tese do Dr. Amândio Tavares sobre as *Variações musculares do torax*, em 1924; e os trabalhos de Sousa Soares, P. Fernandes e Cardia Pires respectivamente sobre o músculo epitrocleo-olecraneano, arco axilar muscular e manioso.

A tese de doutoramento do dr. Espregueira Mendes, premiada também com 20 valores, é, pois, mais um trabalho que, honrando o autor, honra também o Instituto de Anatomia do Pôrto, superiormente dirigido pelo distinto professor sr. dr. J. A. Pires de Lima.

H. M.

G. H. LUQUET — *L'Art Néo-Calédonien* — 1 vol. de 159 pág., com 241 figs. e 20 ests. — Paris, 1926.

O Instituto de Etnologia da Universidade de Paris, que é dirigido pelo eminente sociólogo e etnógrafo, M. Lévy-Bruhl, vem manifestando a sua útil actividade com publicações sucessivas de trabalhos do maior interesse científico. É um desses trabalhos o belo volume que M. Luquet, de quem temos registado nesta revista várias outras publicações, acaba de escrever sobre a arte dos indígenas da Nova Caledónia, baseando-se, sobretudo, nos numerosos documentos ali recolhidos por Mário Archimbault.

Como muito bem acentua no prefácio M. Lévy-Bruhl, o autor poz ao serviço do seu estudo a experiência e o saber de psicólogo e esteta. Conhecedor, como poucos, da arte prehistórica e da arte das crianças. M. Luquet applicou à interpretação da arte novicaledónia as leis e as regras que recolheu das suas longas e brilhantes investigações naqueles domínios. E a verdade é que, com lúcida intuição e perfeito espírito crítico, chega a conclusões que raros conseguiriam descortinar numa aturada pesquisa sobre a origem e significação de tais documentos.

Ornatos corporais, como colares, braceletes, pentes, deformações físicas, tatuagens e pinturas corporais, máscaras, etc., constituem o assunto do primeiro capítulo. Vêm, em seguida, as esculturas em madeira, e entre elas figuram *tabús*, alguns dos quais, embora como tais designados, são hoje desprovidos, pelo menos aparentemente, de qualquer virtude mágica ou destino religioso. Pertencem a esse número objectos que decoram o exterior das

cabanas, em especial os que se encontram no extremo superior do pilar central das habitações.

Variadíssimas e particularmente interessantes são as gravuras em bambús, de cuja significação, como documentos ou relatos históricos, porventura mesmo como recordações de viagem, o autor duvida, pelo menos na maior parte dos casos. As explicações dos indígenas para êsses e outros objectos são crivelmente fantasistas e até absurdas.

Muitas gravuras testemunham o *realismo intelectual* que, segundo o autor, possui a tendência a representar, não o que se vê (*realismo visual*), mas o que se sabe existir, embora num plano encoberto à vista no próprio interior do ser ou objecto. A transparência é um dos corolários do realismo intelectual: o desenho duma casa mostra através das paredes as pessoas que estão lá dentro. Tal característica é comum a documentos do desenho primitivo.

Outro facto que se observa no desenho novi-caledónio é o *rebatimento*. Os objectos, as pessoas, os animais, que estão ao lado uns dos outros, são rebatidos, isto é, desenhados como se estivessem deitados no chão e opostos por uma das suas extremidades, geralmente a inferior.

Importante é também o capítulo sobre os numerosos petroglifos da ilha, à primeira vista ininteligíveis no seu aspecto geralmente geométrico, mas cujos motivos e significado uma análise penetrante do autor consegue desvendar, bem como os das outras manifestações de arte, que ele relaciona hábilmente umas com as outras, como, por exemplo, as tatuagens, as gravuras em bambús e os petroglifos. As interpretações dos indígenas relativamente a êstes últimos valem tanto ou menos do que as que o seu aspecto pode sugerir a Europeus, porque, sendo antigos êsses documentos, se perdeu a tradição local da sua significação e até alguns se modificaram sob a acção do tempo.

A tese de Archimbault de que os petroglifos seriam obra dum povo que teria vindo, por mar, de muito longe, em época muito remota, e depois teria desaparecido, sem deixar outros vestígios, é justificadamente contestada por Luquet, que nêles não vê os pretensos sinais alfabéticos.

As noções de sinonímia gráfica (idêntica significação de desenhos de aspecto diferente), *homonímia gráfica* (idêntico aspecto de desenhos de significação diversa), de *calembour gráfico* (utilização e intensificação da homonímia gráfica para confusão) e da degenerescência (esquematisação e estilização) das figuras naturalistas, servem ao autor para uma análise feliz dos documentos da arte novi-caledónia, que o leva a concluir pela significação antro-

mórfica (em especial esquemas estilizados do rosto humano) da maior parte dêsses documentos. Existem ainda — embora menos — os motivos plectogêneos, e, em número reduzido, aparecem desenhos cuja interpretação é impossível ou aventurosa.

A tendência naturalista manifesta-se sobretudo nas gravuras em bambús, embora dentro do realismo intelectual. Mas nos petroglifos, como naquelas gravuras, há a associação de desenhos geométricos, o gosto pelas próprias linhas.

Não existe um paralelismo rigoroso entre o estilo e as condições de existência, como não existe a oposição, pretendida por Verworn, entre o estilo fisioplástico e o estilo ideoplástico. No mesmo bambú aparecem gravuras dum e doutro estilos.

M. C.

ALFREDO NICEFORO — *La mortalité par cancer de l'uterus et du sein en Italie pendant la période 1919-1921 d'après les données fournies par les déclarations de décès.*

Baseado nos dados fornecidos pelas declarações de óbito no reino de Itália, o Prof. Niceforo estuda a mortalidade do cancro durante o período de 1919 a 1921.

Agrupando os dados por sexos, idades, estados civis, localizações da doença, regiões da Itália, etc., chega o autor a conclusões muito interessantes, entre as quais mencionaremos as seguintes:

Na Itália, ao contrário do que sucede noutros países, a mortalidade pelo cancro é maior nas mulheres do que nos homens.

Relativamente às mulheres, os homens têm uma mortalidade mais elevada pelo cancro da boca, lábios, língua, palatino, laringe, garganta, traquéa, estômago e esófago, enquanto que nas mulheres a mortalidade é maior pelo cancro doutros órgãos.

A maior proporção em mulheres que morrem vitimadas pelo cancro, é a daquelas em que a doença se localiza no estômago e esófago, vindo imediatamente depois os casos de cancro do útero e anexos. A frequência do cancro do seio aparece em quinto lugar. As viúvas jovens (30 a 45 anos) e as celibatárias de 45 anos e mais são as mais atingidas pelo cancro do seio, enquanto que estas mesmas viúvas e as casadas de 55 a 80 anos são as mais atacadas pelo cancro do útero.

Relativamente à idade e à profissão, a maior percentagem de cancerosos encontra-se nos homens que se dedicam à administração pública e particular e às profissões liberais e nas mulheres domésticas, isto é, que se ocupam nas labutas da sua casa.

A correlação entre a mortalidade e a natalidade é negativa ou inversa, quer dizer, aumenta a natalidade quando a mortalidade pelo cancro diminue. Infelizmente, como os erros prováveis são grandes, nada se pode concluir a respeito do valor dos coeficientes de correlação, calculados por idades.

É este um trabalho importante e que mostra o grande auxílio que o método estatístico, quando seja bem manejado e os seus resultados bem interpretados, pode prestar a todos os ramos da Biologia.

A. A.

---